

2008 – JORNAL/NEWSPAPER – NOVO JORNAL

Menção no artigo “Kinaxixi – O adeus ao único modelo ambiental de Arquitectura”, texto por Maria Campos, in Novo Jornal, pp. 12-13, 15 de Agosto de 2008, Luanda

Mention in the article "Kinaxixi demolished - Goodbye to the only environmental model of architecture", text by Maria Campos, in Novo Jornal, pp. 12-13, August 15, 2008, Luanda

Sociedade

KINAXIXI deitado abaixo

Amge Rôgério



O adeus ao único modelo ambiental de arquitectura

Desafiou o regime colonial e foi precursor das políticas ambientais de hoje. Do Kinaxixi só resta a memória e os testemunhos documentais. Caiu o edifício e sobem de tom as críticas.

Textos **MARIA CAMPOS**

OS ARQUITECTOS ANGOLANOS insurgem-se contra a medida do governo que ditou a demolição do Mercado do Kinaxixi, da autoria do arquitecto Vasco Vieira da Costa, por desaparecer um dos últimos edifícios que usava pouca energia e que constituía para os técnicos a única referência material para a realização de estudos ambientais. O arquitecto Victor Leonel avançou ao Novo Jornal que o mercado era, pelas suas características, objecto de estudos ambientais para a classe. "Se quisermos estudar um edifício no país onde é que vamos nos basear? Teremos agora que recorrer aos papéis". O técnico aponta como argumento o facto de o mercado do Kinaxixi, cons-

truído em 1958, não necessitar de ar condicionado, permitindo poupança energética e, conseqüentemente, ecológica.

De acordo com o arquitecto, obras como as do Ministério das Obras Públicas, o Laboratório de Engenharia e a Faculdade de Ciências Agrárias, no Huambo, já sofreram alterações que puseram em causa

as suas características iniciais, restando apenas, até agora, o mercado do Kinaxixi como testemunho da arquitectura ambiental.

A arquitecta Maria João Teles junta-se ao coro de protestos que, na última semana, tem subido de tom, não só em Angola mas também na imprensa portuguesa que tem publicado artigos de opinião de an-

golanos que se opõem à decisão de demolir o edifício, tendo-se apagado assim uma obra de significativo valor cultural e arquitectónico.

Maria João Teles qualifica o desaparecimento do mercado como "uma perda muito grande por ser uma obra emblemática e nacionalista", sublinhando ao mesmo tempo a sua "grande qualidade técnica e ambiental". "É uma obra da maior e melhor arquitectura angolana", evidenciou.

A arquitecta lembra que o mercado faz parte da "memória da cultura angolana pela sua história". Por isso, acrescenta, "em vez de ser destruído devia ter sido revitalizado para servir de referência às gerações vindouras".

Vasco Vieira da Costa, o arquitecto que nos anos 50 idealizou o Mercado do Kinaxixi, deixou obra para estudo das gerações vindouras. Hoje foi tudo abaixo

“Das que foram para o São Paulo nem todas ficaram, estamos assim dispersas. Há umas conhecidas minhas que já morreram de trombose por causa dessa situação. Pelo menos cinco das que conheci, já se foram.” Antiga quitandeira do Kinaxixi

MANIFESTO DA ORDEM DOS ARQUITECTOS DE ANGOLA O COLAPSO DE PATRIMÓNIO MUNDIAL DE ARQUITECTURA

O MERCADO “KINAXIXE”

OS EDIFÍCIOS nas cidades são marcos da identidade civilizacional dos povos que se assumem como referências para as gerações vindouras.

Numa época em que são promovidos, cada vez mais edifícios que usam cada vez menos energia, ou seja, “os amigos do ambiente”, já Angola possuía exemplares de grande valor, como o edifício do Ministério das Obras Públicas, o Laboratório de Engenharia de Angola, o Instituto de Ciências Religiosas de Angola – ICRA, o edifício de multi-apartamentos, a escola Anangola, Faculdade de Ciências Agrárias no Huambo, entre outros. Neste contexto, quando quisermos estudar um edifício em Angola do ponto de vista ambiental, teremos que recorrer aos livros, porque os exemplares físicos estão a ser demolidos.

Em 1950, Luanda estava perdida no conflito exorcizado do paradoxo colonial.

Vasco Vieira da Costa era um Arquitecto Angolano. (Alguém diria... “mas nasceu em Aveiro”... mas quantos angolanos nasceram e nasceram em Londres, Paris, Johannesburg ou Rio de Janeiro?). Depois de estagiar com o mestre da arquitectura do Sec XX, Le Corbusier, aceita o desafio: instala-se, revolucionaria

arquitectura estando “dentro” (arquitecto do Governo da Província, antiga Câmara Municipal de Luanda) e subverte as regras do jogo que o poder colonial encobria. O resultado foi um marco notavelmente polémico, o MERCADO DO KINAXIXE, que se queria assumir como um grito de liberdade e oposição ao regime colonial português. Um corpo que desafiava o regime pela imposição de uma nova postura da arquitectura; que impunha modernidade não só no contexto urbano – um mercado no centro da cidade – como também no contexto arquitectónico onde a pureza das formas era a sua principal bandeira.

Conhecido mundialmente como uma peça de arquitectura moderna notável, foi considerada pela UNESCO a hipótese de ser classificado património arquitectónico da Humanidade.

Com lucidez e sabedoria, o KINAXIXE seria o nosso “EDIFÍCIO MANIFESTO”: O Corpo simbólico da nossa independência, do nosso grito de liberdade presente na cidade e de contestação ao regime colonial. Imaginemos ser demolido um edifício projectado por Le Corbusier, ou Oscar Niemeyer, ou Frank Gery ou ainda outros de igual renome!!!!

Indignação

PARA A MAIOR PARTE dos angolanos ouvidos pelo Novo Jornal o desaparecimento do Mercado do Kinaxixi é uma perda irreparável. Alguns mostraram-se mesmo “indignados” com a demolição, enunciando exemplos de edifícios que foram conservados e que continuam a fazer parte do dia-a-dia dos habitantes de Luanda.

Zé Manuel, de 56 anos, disse que a praça é um monumento histórico que devia ser reabilitado e mantido com as suas características iniciais, como aconteceu com a câmara municipal que hoje alberga o Governo Provincial de Luanda. Este residente em Luanda recorda que a praça do Kinaxixi era conhecida anteriormente como Maria da Fonte e foi naquele mercado que “muitas das mães do Sambizanga, Zangado e do bairro Operário vendiam os seus produtos” e foi dali que “saiu o sustento de muitos governantes”.

A opinião de Ramiro Correia, de 39 anos, é coincidente com a de Zé Manuel. Este cidadão refere-se à destruição do mercado como sendo “um erro” por existir desde o tempo colonial e por fazer parte da história de Angola. “A nova geração terá dificuldades em conhecer a história de Luanda, ela não conheceu apenas os portugueses, mas também os holandeses”, sublinhou.

Para Ramiro Correia, o centro comercial deveria ser erguido noutra lugar que não fosse o do Mercado do Kinaxixi, argumentando que “Luanda não é só a Baixa, outros espaços também precisam de centros comerciais”.

Lamenta, por outro lado, o facto das pessoas terem sido retiradas do local com muita antecedência, sofrendo danos materiais pesados irreparáveis, uma vez que só quatro anos passados sobre a saída é que o edifício foi demolido.

Promessas, apenas

BEATRIZ MONTEIRO, vendedora do mercado durante 15 anos, recordou que, na altura que as pessoas foram retiradas do local, algumas foram transferidas para os mercados de São Paulo, Roque Santeiro e do Neves Bendinha. Porém, nem todas beneficiaram da transferência.

“Eu fui, mas depois tive que sair porque o lugar não estava mesmo garantido”, lembrou.

Para não ficar parada, Beatriz Monteiro alugou nos arredores do largo do Kinaxixi uma lanchoinete, onde continua a fazer o seu negócio. “Das que foram para o São Paulo nem todas ficaram. Es-

tamos assim dispersas. Há conhecidas minhas que já morreram de trombose por causa dessa situação, pelo menos cinco das que conheci já se foram”, evocou com um ar triste, lamentando: “Recebemos promessas de que seríamos indemnizadas mas até agora não vimos nada”.

O governo garantiu na altura que depois do centro comercial estar concluído as pessoas poderiam adquirir ali uma loja. “Eu sei que nenhum de nós tem possibilidades para isso”, contrapõe Beatriz Monteiro, evidenciando a desfaçatez da proposta.

Eliza João, também ex-vendedora do Kinaxixi, não foi abrangida por nenhum outro mercado da cidade e, para que os filhos não passassem fome, optou por vender guloseimas de baixo do prédio onde mora. É daí que retira agora o sustento para os seis filhos, sendo ela mãe solteira.

Conforme assegurou ao Novo Jornal, o rendimento que tinha do negócio em nada se compara com o que ganha hoje.

“Quando nos tiraram da praça, disseram que nos dariam lugar no São Paulo e nos Congolenses, mas não deram. Disseram-nos que seríamos recompensados, mas também até agora nada. Não vimos nada e já temos que esquecer isso”, rematou abalada com a sua triste sina.

Sociedade civil vista por dentro

INVESTIGADORES e activistas civis nacionais e estrangeiros discutiram os desafios da sociedade civil no contexto político de Angola e de África.

Promover uma análise transversal da sociedade civil angolana com base na realidade do país e da região da África Austral. Foi este o objectivo da conferência “Sociedade Civil e Política em Angola” que ocupou, na semana passada, o auditório da Universidade Católica (UCAN), em Luanda.

A iniciativa da UCAN e da Universidade de Coimbra (UC) deu voz a activistas, académicos, jornalistas e entidades religiosas vindas de Angola, Zâmbia, República Democrática do Congo, Moçambique, Zimbabwe, Botswana, África do Sul, Espanha e Estados Unidos da América.

Da agenda constaram temas como os direitos humanos e a política, o papel dos media e das igrejas no desenvolvimento sócio-político-económico de Angola, etc.

Paralelamente à conferência, foi lançado o livro “Sociedade Civil e Política em Angola: contexto regional e internacional”, que reúne uma série de estudos e reflexões sobre as temáticas abordadas na conferência.

“Na conferência concluiu-se, entre outros pontos: a sociedade civil e as suas organizações não podem ser excluídas da discussão de assuntos políticos; a sociedade civil é um campo onde várias forças e interesses actuam em simultâneo. Ao mesmo tempo, concluiu-se que as igrejas são um factor particularmente importante, pelo poder de mobilização que possuem.”

CARLOS FIGUEIREDO, Acção para o Desenvolvimento Rural e Ambiente

“A conferência lembrou que a sociedade civil é um domínio onde diversas vozes e interesses entram, por vezes, em confronto. Se fosse apenas um lugar de consenso e auto-satisfação, não seria nunca um contributo válido. Ao mesmo tempo, a iniciativa permitiu ouvir os líderes religiosos a expressar a necessidade de pressionar as autoridades para uma maior justiça social e económica.”

DAVID SÖGGE, Fundación para las Relaciones Internacionales y el Diálogo Exterior, Madrid.

PEDRO CARDOSO

Projecto de Arquitectura — 1950 – 1952
Abertura ao público — 1958
Arquitecto — Vasco Vieira da Costa

